

Megan Maxwell

# Adivinha Quem Sou Esta Noite

Tradução

António Carlos Carvalho

 Planeta

Nunca devemos esquecer que o amor é como o café. Às vezes forte, outras vezes doce, em certas ocasiões sozinho, noutras acompanhado, mas nunca deve ser frio.

*Um beijão e espero que desfrutem do romance.*

MEGAN MAXWELL

Todos os títulos dos capítulos deste livro são versos de canções. (*Nota da edição portuguesa.*)

## *Tragedia*

O som do silêncio é assustador.

O chiar das rodas ainda me angustia.

Estou viva!

Viva!

Ouço a voz de Dylan. Quero responder. Sinto os seus passos a aproximarem-se, mas estou paralisada de medo, caída na rua e mal posso respirar.

Tremo e os meus olhos encontram-se com os de Tiffany, a mulher de Omar. Está no chão ao meu lado. Olhamo-nos. Ambas respiramos com dificuldade, mas estamos vivas.

– Linda, estás bem? – pergunta ela com um fio de voz.

Aceno com a cabeça sem conseguir descolar os lábios, mas a sua pergunta faz que tudo regresse à minha mente. O carro a aproximar-se a alta velocidade. O medo. A mão de Tiffany a puxar por mim. Como as duas caímos bruscamente atrás do carro de Omar. Uma travagem incrível e depois o silêncio.

Mas o silêncio quebra-se de repente para se encher de gritos. Berros aterrorizados. Omar agacha-se com um ar alterado e, instantes depois, a voz de Dylan chega até nós dizendo:

– Não mexas nelas, Omar! Chama uma ambulância.

Mas eu mexo-me. Viro-me de costas e solto um gemido. Dói-me o ombro.

Porra, como me dóiiiiiiiiiiii!

Os meus olhos encontram-se com os do meu amor, que, com o rosto alterado, se inclina sobre mim e, mal me tocando para não me mover, murmura desesperado:

– Yanira, meu Deus, querida... Estás bem?

Nunca mais acaba de me abraçar. Preciso do seu calor, do seu carinho, das suas palavras bonitas tanto como sinto que precisa de mim, e respondo para o tranquilizar:

– Estou bem... não te preocupes... estou bem.

– *Bichinho*, estou enjoada – queixa-se a Tiffany, erguendo-se.

– Calma, minha querida... Não te mexas – sossega-a Omar.

De repente, encontro-me com o olhar de Tiffany e, emocionada com o que esta rapariga fez por mim, murmuro:

– Obrigada.

A jovem e loura esposa de Omar, que eu pensava que tinha menos cérebro do que Calamardo, o amigo de Bob Esponja, sorri. Acaba de me salvar de morrer atropelada pelo carro, arriscando-se a ir também ela desta para melhor. Ficar-lhe-ei eternamente agradecida. Eternamente.

Dylan toca-me no braço sem querer e eu dou um grito aflito.

Porra, que dor!

Olha-me assustado e, com a respiração de novo acelerada, sussurra:

– Não te mexas, querida...

– Dói-me... Dói-me...

– Eu sei... eu sei... Fica calma – insiste com ar preocupado.

Com as lágrimas prestes a brotarem como uma fonte por causa da dor insuportável que sinto, vejo que Dylan chama um médico amigo, que vem a correr ter connosco.

– Pede gelo no *pub*. Preciso de gelo com urgência!

Mexo-me e volto a gritar de dor. Dylan olha para mim e, tirando o casaco, diz:

– Creio que deslocaste o ombro na queda.

Nesse instante não sei o que é «desloquei» nem o que é o «ombro», mas o ar do meu homem é sombrio. Muito sombrio e isso assusta-me enquanto me queixo:

– Porra... como me dóiiiiiiiiiiiiiiii!

Quando aparece o seu amigo com um saco de gelo, Dylan pragueja e, olhando-o, comenta:

– Fran, preciso da tua ajuda.

Colocam-me de barriga para cima no passeio, manejando-me como uma boneca e vejo que o tal Fran me segura a cabeça. Fico nervosa. Que me vão fazer?

– Dói-me, Dylan... Dói-me muito.

O meu amor senta-se no chão e põe um pé num lado do meu torso.

– Eu sei, querida... mas em breve tudo passará. Vou agarrar-te a mão com força e puxar por ela para mim.

– Não... não me toques! Morro de dor! – grito assustada.

Ele entende o meu medo. Estou aterrorizada. Dylan tenta tranquilizar-me e, quando o consegue, volta a colocar-se como antes e murmura:

– Tenho de voltar a colocar-te o ombro no sítio, querida. Isto vai-te doer.

E sem me dar tempo nem para pestanejar, vejo que o tal Fran e ele olham um para o outro e então Dylan efectua um movimento brusco que faz que eu veja as estrelas do firmamento inteiro, enquanto grito desconsoladamente.

Por Deus, que doooooooooooooor!

As lágrimas brotam dos meus olhos aos borbotões. Choro como uma pateta. Odeio fazer isto diante de toda esta gente, mas não o consigo evitar. Dói-me tanto que não consigo pensar em mais nada.

– Já está... já está, querida – embala-me ele para me tranquilizar.

Ficamos assim um bocado e sinto que lhe estou a encharcar a camisa com lágrimas. Dylan não me larga. Não se separa de mim. Só me acaricia e sussurra maravilhosas palavras de amor, enquanto algumas pessoas passam ao nosso lado.

Quando me acalmo, deixa de me abraçar com cuidado, tapa o gelo com o casaco e pondo-o sobre o meu ombro, diz, ao ver que o olho com os olhos avermelhados pelas lágrimas:

– Fica tranquila, vida minha. A ambulância não tardará a chegar.

Tento acalmar-me, mas não consigo. Primeiro, porque quase me atropelaram. Segundo, porque o braço dói-me horrores. E terceiro, porque o nervosismo de Dylan também me põe nervosa.

– Diz-me que estás bem – insiste ele.

– Sim... sim... – consigo balbuciar.

A minha resposta acalma-o, mas então levanta-se do chão feito uma hidra, afasta-se de mim e ouço-o gritar com ferocidade:

– Como pudeste fazer isto?

Assustada ao ouvi-lo tão furioso, ergo-me um pouco apesar da minha dor e vejo-o encaminhar-se para o carro que quase me atropelou. Dentro dele está a Caty, com a cabeça pousada em cima do volante.

Cadela, víbora malvada!

Ela olha para Dylan e vejo-a chorar. Gemer. Suplicar. O meu homem, obcecado, abre a porta do carro com tal fúria que quase a arranca e tira-a de lá, gritando como um possesso.

Observo a cena enquanto as pessoas se amontoam ali à volta. Caty chora e Dylan grita e amaldiçoa como um louco. O homem que vi antes acompanhar a Caty aproxima-se deles com um ar irritado ao imaginar o que aconteceu.

– Omar – sussurro, dorida. – Vai lá e acalma o Dylan, por favor.

Ele, depois de assentir, aproxima-se do irmão com cara de aborrecimento e tenta servir de mediano, mas Dylan está alterado. Muito alterado.

Por fim, entre Omar e outro homem, conseguem afastá-lo da Caty e acalmam os dois. Eu não consigo deixar de olhar para ela. Está a uns escassos metros de mim e vejo que me diz entre lágrimas:

– Lamento... lamento.

– Que pouca vergonha a dela! Quase te mata e agora vem-te com choraminguices – murmura Tiffany ao meu lado, ao ver para onde olho.

Efectivamente. Esta mulher não tem vergonha. Por outro lado, não sei como entender este «Lamento», se será sincero ou fingido.

O que aconteceu deixa-me alucinada. Uma coisa é estar apaixonada por Dylan e outra muito diferente é que chegue aos limites a que chegou. Sem dúvida alguma não está bem da cabeça.

Porra, quase me matou!

– Calma, meninas – ouço o Omar dizer, aproximando-se da sua mulher e de mim. – As ambulâncias já estão a chegar.

– Parti duas unhas, *Bichinho*.

– Amanhã pões umas novas, minha querida – responde ele, sorrindo.

O som estridente de várias ambulâncias e carros da polícia enche tudo. Rapidamente cercam o local com fitas e retiram dali os curiosos, enquanto uns médicos nos atendem, à Tiffany e a mim. Imobilizam-me o braço e o pescoço.

Como se eu fosse uma pena, levantam-me e põem-me numa maca e vejo que me levam para uma ambulância. Olho para a Tiffany, que está na mesma situação. Pobrezinha. Da maca, viro a cabeça e volto a olhar para a Caty. Continua a chorar, enquanto o seu acompanhante nega com a cabeça e olha para o chão.

Omar não tem descanso. Corre da maca onde está a sua mulher para a maca onde estou. Quando me metem na ambulância, ouço Dylan afirmar:

– Vou com ela.

Os dois homens e a mulher da ambulância olham uns para outros e a mulher diz, sorrindo:

– Já sabe que não lhe vamos dizer que não, doutor Ferrasa, mas aqui nós temos de trabalhar.

Ele, aborrecido, fecha os olhos por um instante e depois explica-lhes o que fez para me tratar, mas, disposto a não interferir, por fim concorda e as portas fecham-se. Poucos segundos depois, ouço as portas da frente a fecharem-se também e, fazendo soar a sua aguda sirene, a ambulância põe-se em marcha.

Quero estar com Dylan. Tenho vontade de chorar, mas devo ser forte, não uma juvenzinha caprichosa e mimada que chora porque não tem o namorado por perto.

A mulher e um dos homens começam a tratar-me e ela pergunta-me em inglês:

– Lembra-se do seu nome?

Ainda aturdida, entendo o que diz mas respondo em espanhol:

– Chamo-me... chamo-me Yanira Van Der Vall.

A mulher faz um aceno de concordância, pega numa pequena seringa, enche-a com um líquido transparente e, espetando-a na via intravenosa que segundos antes me pôs, sorri e diz também em espanhol:

– Fique tranquila, Yanira. Em breve estaremos no Hospital Ronald Reagan.



Megan Maxwell

– E o Dylan? Onde está?

Começo a ficar enjoada, quando o ouço dizer:

– Estou aqui, querida.

Como posso, mexo a cabeça e olho para cima. Por uma janelinha consigo ver Dylan sentado na parte da frente da ambulância e sorrio.